

O DESENVOLVIMENTO URBANO EM FEIRA DE SANTANA (BA)

URBAN DEVELOPMENT IN FEIRA DE SANTANA (BAHIA)

*Sandra Medeiros Santo**

RESUMO — *Este artigo trata do desenvolvimento urbano de Feira de Santana, a segunda maior cidade do estado da Bahia. As origens da referida cidade remontam os primórdios do século XVIII, mas observa-se que só em 1968 é que passou por um planejamento urbano, com a criação de seu primeiro plano-diretor. Dessa forma, durante a maior parte de sua história, a expansão de sua malha urbana ocorreu de forma espontânea e a prestação de serviços básicos de saneamento não acompanharam o desenvolvimento da cidade.*

PALAVRAS-CHAVE: *Desenvolvimento Urbano; Planejamento urbano; Urbanização.*

ABSTRACT — *This article is about the urban development of Feira de Santana, the second major city in the State of Bahia. The city's origin is prior to 1700, but its urban planning dates only to 1968, when the first management plan was created. Therefore, during most of the city's history, the expansion of the urban net happened spontaneously and public sanitary facilities did not develop fast enough to follow the city's growth.*

KEYWORDS: *Urban Development; Urban planning; Urbanization.*

HISTÓRICO SOCIOECONÔMICO DA CIDADE DE FEIRA DE SANTANA (BA)

Como todas as cidades criadas no passado, Feira de Santana tem seu aparecimento diretamente ligado às suas características geográficas, pois localiza-se numa zona intermediária

* Prof. Assistente, DTEC (UEFS). Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela UFBA. E-mail: smsanto@uefs.br

Universidade Estadual de Feira de Santana – Dep. de Tecnologia. Tel./Fax (75) 224-8056 - BR 116 – KM 03, Campus - Feira de Santana/BA – CEP 44031-460.

“Sant’Ana dos Olhos d’Água”, de propriedade de Domingos Barbosa de Araújo e Ana Brandôa, com aproximadamente uma légua de comprimento e ½ légua de largura (ou seja, 6 km de comprimento e 3 km de largura) (PEDREIRA, 1983. p. 15-16).

Os proprietários dessa pequena porção de terra construíram uma capela dedicada a Santa Ana e São Domingos, que logo ficou sendo ponto de parada para toda a espécie de viajantes, os quais se sentiam atraídos para lá, principalmente pela abundância de água no local, que servia tanto para o gado como para os próprios viajantes vindos do sertão ou indo para lá.

Em pouco tempo, algumas pessoas começaram a se fixar na região, visando o pequeno comércio oriundo da passagem dos vaqueiros, surge assim, uma feira de gado e um comércio paralelo de alimentos e outros produtos essenciais à sobrevivência dos viajantes, durante o seu longo percurso, e à dos moradores da região.

No início do período colonial, a feira ocorria aos domingos, muito provavelmente em função da missa celebrada na Igreja supracitada. Já durante o primeiro quartel do período colonial até dezembro de 1854, a feira passou a ocorrer às terças-feiras. Só depois de 1854 é que passou a ser realizada às segundas-feiras, com a intenção de apressar a ida do gado para Salvador. Apesar de todas as modificações ocorridas, esse continua o dia preferido para a feira até o presente.

Por volta de 1825, já existia no referido local, segundo Arnizáu *apud* Pedreira (1983, p. 15), o “arraial de Sant’Ana dos Olhos D’Água, onde, às terças-feiras de cada semana se ajuntam de 3 a 4 mil pessoas, e onde há uma grande feira de gado”. Essa feira de gado, segundo Poppino (1968, p. 56), era justificada por três motivos principais:

primeiro porque estava situada no caminho direto entre o Recôncavo e as imensas pastagens do Mundo Novo, Jacobina e do Médio São Francisco. Em segundo lugar, porque o povoado estava rodeado de excelentes pastagens naturais. A terceira razão, de vital importância para uma zona sujeita a secas periódicas, é que a região era atravessada por dois rios e por numerosos riachos. Salvo nos períodos de seca prolongada, o suprimento de água bastava para milhares de cabeças de gado.

Assim, observa-se que bastou apenas um século para que Feira de Santana passasse de simples aldeia para a localidade com a mais importante feira da Bahia. Essa feira era a base de sua economia. A agricultura existia em função da demanda dos comerciantes e da subsistência dos moradores, sendo caracterizada pela grande produção de alimentos. Só mais tarde apareceu timidamente a plantação de fumo e de algodão. Vale ressaltar que tanto o fardo de fumo como o de algodão eram envoltos em couro, o que caracterizava a abundância da economia pecuarista local.

Em 1833, a vila de Feira de Santana já se ocupava com o seu suprimento de água, posto que, como foi citado anteriormente, este sempre foi de vital importância para o desenvolvimento econômico da região. Dessa forma, uma das primeiras leis promulgadas pela nova Câmara, proibia “jogar-se venenos para matar peixes (tingui) nas poças com água das quais o gado se servia” (“Crônica Feirense” *apud* POPPINO, 1968, p.33). “Na maior parte do período anterior a 1860, a Câmara limitou suas atividades ao problema do abastecimento de água para a Vila. Até 1855 nenhum dos distritos do município dispunha de fontes públicas. Naquele ano foram instaladas fontes nos povoados de Tanquinho e de São José das Itaporocas como parte do sistema de prover água aos pousos dos viajantes e do gado na nova estrada de Jacobina a Feira de Santana. Na vila, durante muito tempo, havia o costume do dono de uma nova casa cavar um poço profundo em sua propriedade por ocasião de sua construção. Desse modo, em Feira de Santana quase não se sentia a necessidade de um grande número de fontes públicas. Para o uso dos que não possuíam poços, a Câmara construía uma fonte ao lado de um riacho que corria perto da vila (“Crônica Feirense”, *Folha do Norte*, 11 de agosto de 1923). A fonte foi aumentada em 1849, mas, durante muitos anos, nenhum esforço se empregou para melhorar o sistema de abastecimento de água da cidade. Até depois de 1860 os viajantes e os residentes sem abastecimento próprio eram obrigados a suprir-se de água fornecida por aquela única fonte.” (POPPINO, 1968, p. 33-34).

Até 1869 a vila continuava, segundo POPPINO (1968, p. 106-107),

a expandir-se como um centro comercial do sertão baiano mas, exceto em relação ao seu tamanho, diferia pouco dos arraiais espalhados pelo interior da província. Casas de adobe de um andar, rodeadas por casebres, espalhavam-se ao acaso, junto à capela do século XVIII de Santana dos Olhos D'Água. Poucas ruas, tortas e sem pavimentação e algumas praças estendiam-se entre os edifícios. A rua principal não passava de um trecho da estrada mestra que unia Juazeiro à Cidade do Salvador. Viam-se aqui e ali sobrados de dois andares e outras estruturas mais progressistas no distrito comercial, ao Norte da Matriz; duas das artérias principais haviam sido parcialmente pavimentadas e os responsáveis pelo progresso do lugar começaram a dirigir sua atenção para as necessidades mais prementes da vila. Muitos anos se passariam ainda antes que a vila se tornasse conhecida pelas ruas largas e retas, pelas casas bem pintadas e pelas altas árvores, que dão sombra.

Visto que essas características só seriam observadas depois de 1970, com a Implantação do Centro Industrial do Subaé (CIS).

Feira de Santana é considerada a segunda cidade da Bahia, com 431 730 (IBGE, 2002) habitantes. A rede de abastecimento de água é composta por mais de 60 000 ligações, com água proveniente da barragem de Pedra do Cavalão. Sua economia continua baseando-se no comércio. A pecuária ainda é importante, mas está voltada para o abastecimento regional. A indústria passou a se desenvolver nas duas últimas décadas, porém o número de empregos diretos gerados é pequeno (Fig. 2).

O MEIO AMBIENTE E O SANEAMENTO BÁSICO EM FEIRA DE SANTANA, COM ÊNFASE PARA OS PROBLEMAS HÍDRICOS

De forma similar a todas as cidades surgidas de uma colonização do tipo exploração, Feira de Santana passou a ser explorada sem a devida preocupação com o meio ambiente local. Assim, toda a vegetação original foi retirada e substituída por pastagens, os rios, as lagoas e a água subterrânea exaustivamente utilizados e degradados, e o ar também tem servido de receptor de emissões atmosféricas das indústrias, sem o devido controle.

A ocupação humana sempre foi desordenada, com aumento populacional excessivo, principalmente depois da década de 70, e com o indevido acompanhamento da infra-estrutura urbana, os problemas vêm se agravando a cada dia. A cidade, apesar de poder utilizar algumas de suas lagoas como centro de lazer (Fig. 2 e 3), vem utilizando-as como depósitos de lixo ou áreas alternativas para ocupação humana, sendo que diversas dessas lagoas foram ocupadas, aterradas e loteadas (Fig. 2) para abrigar a população de baixa renda.

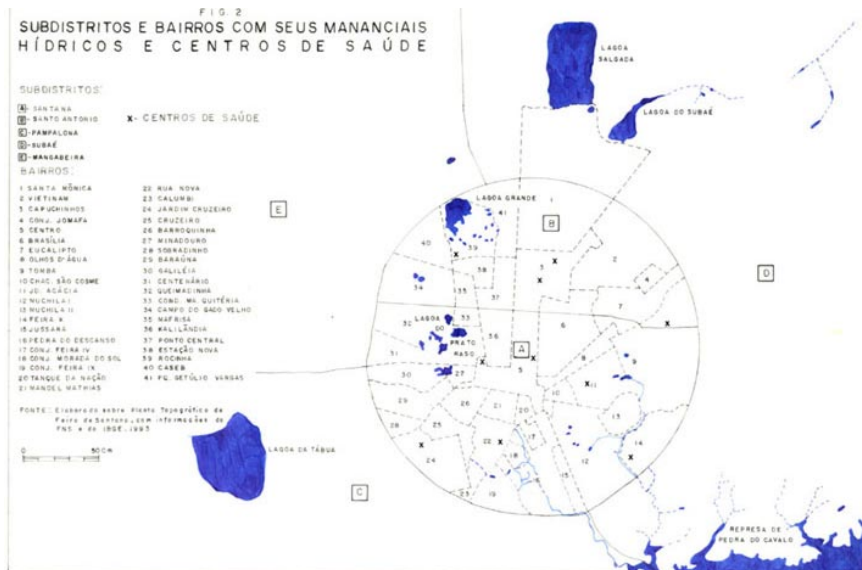


Figura 2 - Bairros e rede hidrográfica de Feira de Santana

A água subterrânea, apesar de não ser mais o principal manancial da cidade, continua a ser muito utilizada, porém sua qualidade é extremamente duvidosa, pois apenas uma área limitada da cidade dispõe de rede de esgoto (Fig. 2). Assim sendo, a população utiliza como solução para a disposição do esgoto sanitário, diversos tipos de fossas, construídas sem respeitar as normas técnicas, o que leva à contaminação do lençol subterrâneo. Quando a residência não dispõe de fossa, ou lança suas águas servidas e seus dejetos na rua ou na

lagoa, ou ainda, utiliza-se da rede pluvial, que vai acabar também em alguma lagoa ou riacho, pode comprometer todo o manancial hídrico local, com relação a sua qualidade bacteriológica.

Muito recentemente, cerca de uma década aproximadamente, é que se implantou o sistema adequado de coleta e disposição de lixo em Feira de Santana. Na atualidade, realiza-se coleta em dias alternados em todas as ruas da cidade, mesmo nas favelas, com exceção apenas para as ruas onde o caminhão de lixo não pode entrar e para as ruas no centro da cidade, onde a coleta é diária. Porém a população de baixa renda, talvez por uma questão de falta de educação ambiental, continua dispondo seu lixo e dejetos em riachos ou lagoas, observando-se também caminhões limpa-fossa descarregando seus conteúdos nelas.

A rede de abastecimento de água atende, praticamente, a 90% da população, o que é considerado um índice elevado, todavia, o abastecimento em alguns bairros não se dá de forma contínua, havendo manobras na própria rede, o que torna o abastecimento irregular. No passado, em períodos críticos, alguns bairros como o Jardim Cruzeiro (Fig. 2), ficaram até quatro meses sem receber uma única gota de água.

Assim, percebe-se que a poluição ambiental está intrinsecamente relacionada à precária situação do saneamento básico da cidade, cuja falta de planejamento urbano contribui para esta situação.

O crescimento acelerado não é a única justificativa para o caos ambiental em que se encontra a cidade, muito se devendo ao papel do Estado que, por motivos políticos/eleitoreiros priorizou, áreas da cidade (principalmente o centro) e também estabeleceu como prioridade das ações de saneamento básico o fornecimento de água tratada, “esquecendo-se”, contudo, que quanto mais água se fornece mais esgoto se produz, necessitando sua adequada disposição. Desta feita o planejamento pecou quando não estabeleceu que a implantação da rede de esgoto deveria acompanhar a da rede de distribuição de água.

Por causa disso, são mantidos muitos focos de doenças, destacando-se as lagoas, que são grandes depósitos de resíduos (sólidos e principalmente líquidos) da cidade.

O PLANEJAMENTO URBANO DA CIDADE: UMA ANÁLISE CRÍTICA

Até 1968 não houve nenhuma espécie de planejamento integrado para a cidade de Feira de Santana ou para sua região. Só a partir desta data é que se constatou uma mudança, com a realização do primeiro Plano de Desenvolvimento Local Integrado (PDLI).

Isso quer dizer que até a data supra citada, o crescimento da cidade aconteceu de forma “espontânea” e da mesma maneira se deu o uso e a ocupação do solo.

No início e durante um longo período, a ocupação ocorreu próximo aos locais onde a água era abundante. Posteriormente, a água continuou sendo um dos requisitos básicos para a instalação de residências; de modo que locais com água subterrânea abundante eram escolhidos enquanto os locais onde não se pudessem cavar poços eram preteridos (Fig. 3).

O governo municipal incentivou diversos loteamentos, abrindo vias de tráfego em áreas adjacentes ao centro, e incentivando ocupações mais distantes, como a do Conjunto JOMAFÁ (Feira I) e da Cidade Nova (Fig. 2). Esses conjuntos, inicialmente, serviram para o proletariado, classe baixa, mas pouco a pouco foram sendo ocupados pela classe média. Os conjuntos planejados especificamente para a classe média foram: Morada das Árvores, ACM, Centenário e Milton Gomes (os dois últimos próximos ao centro, dentro do Anel do Contorno) (Fig. 2).

A população de mais alta renda, até meados deste século, ocupou a parte central da cidade, mas, paulatinamente, foi se afastando do centro e levando consigo todos os benefícios urbanos (Fig. 2). Assim, ela constituiu bairros hoje considerados da classe média alta e alta, como o Capuchinhos e o Santa Mônica.

Presentemente, observa-se o início de movimentação destas classes para locais ainda mais afastados, fora do Anel do Contorno, como o bairro SIM. Esse bairro, contudo, ainda não possui uma infra-estrutura adequada, o que é compensado, em parte, pelos condomínios fechados bem estruturados, que possuem água captada de poços tubulares, com a disposição do esgoto ocorrendo através de fossas sépticas.

De todos os conjuntos supracitados, pode-se destacar que alguns deles foram implantados ao lado do CIS (Fraternidade, Panorama e Francisco Pinto) e outros, apesar de serem localizados em áreas mais distantes (Feira X e Viveiros), recebem a poluição industrial, devida à má localização do referido centro industrial, visto que a direção dos ventos não foi bem estudada, fazendo com que grande parte das descargas atmosféricas das indústrias poluam esses bairros, causando sérios distúrbios à saúde da população ali residente.

Observa-se aqui que esses conjuntos mereciam um estudo específico, posto que perceberam-se na população residente casos elevados de diarréias, cólera e óbitos em menores de 1 ano, apesar de os mesmos disporem de água, esgoto e eletrificação. Destacam-se no caso o Conjunto Fraternidade, o Viveiros e o Feira X.

O planejamento para uso e ocupação do solo só aconteceu depois do primeiro PDLI e, com a implantação do CIS é que houve realmente um início de ordenamento. Porém, como já foi exposto anteriormente, o próprio Estado implantou bairros residenciais ao lado das indústrias. No Centro da cidade, concentra-se o comércio e a prestação de serviços, com poucas residências remanescentes. Verifica-se que os serviços e, em menor número, o comércio, têm se alastrado pelas principais vias da cidade (Av. Getúlio Vargas, Av. Maria Quitéria e Av. Presidente Dutra) (Fig. 3).

Pouquíssimas indústrias, e apenas as de pequeno porte, são encontradas em bairros sem uma concentração peculiar.

Quanto ao sistema de limpeza pública, tem sido eficaz, principalmente no centro da cidade. Porém permanecem problemas, como o de escoamento pluvial, pois as ruas do centro, destacadas no primeiro PDLI, continuam sendo inundadas ainda hoje, ou seja, mais três décadas depois de terem sido citadas no referido PDLI. A rede de esgoto continua restrita também ao centro, ressaltando-se que o fato de existir rede de esgoto em uma determinada rua não implica que as residências estejam ligadas à mesma, ou ainda, que ela funcione.

Em parte, essas características podem ser justificadas pelo crescimento rápido que Feira de Santana sofreu durante

as últimas três décadas, e o Estado priorizou o abastecimento de água tratada, deixando-se em segundo plano a questão da rede de esgoto que, normalmente, é relegada por não ser aparente e nem exigida pela população, que costuma deixar as excretas nos riachos e lagoas próximas (Fig. 03).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. A. P. **Estudo morfodinâmico do sítio urbano de Feira de Santana - Ba.** 1992. Dissertação (Mestrado Geociências) UFBA. Salvador, 1992.

ALMEIDA, J. R. et al. **Planejamento ambiental.** Rio de Janeiro: Thex Editora, 1993.

DIAS, G. F. **Educação Ambiental: princípios e práticas.** São Paulo: Gaia, 2001.

HOGAN, D. J.; VIEIRA, P. F. (Org.). **Dilemas sócioambientais e desenvolvimento sustentável.** Campinas, S. P. : Editora UNICAMP, 1995.

KOWARICK, L. (Org.). **A espoliação urbana.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

KRISCHKE, P. J. (Org.) **Terra de habitação e terra de espoliação.** São Paulo: Cortez, 1984.

LOJKINE, J. **O Estado capitalista e a questão urbana.** São Paulo: Martins Fontes, 1981.

MARTINE, G. **População, meio ambiente e desenvolvimento: verdades e contradições.** São Paulo: Editora da Unicamp, 1993.

NOLASCO, M. C.; ROCHA, W. J. S. F. **Projeto Nascentes: um olhar sobre Feira de Santana.** Feira de Santana: UEFS, 1998.

PEDREIRA, P. T. **Município de Feira de Santana: das origens às instalações.** Salvador: Revista Alfa Gráfica e Editora, 1983.

POPPINO, R. **Feira de Santana.** Salvador: Itapuã, 1968.

ROCHA, J. C. S. **A proteção legal ao meio ambiente no estado da Bahia: e outros estudos de direito ambiental e direito sanitário.** Feira de Santana: UEFS, 1996.

SANTO, S. M. **A água em Feira de Santana**: uma análise do bairro Rocinha. 1995. Dissertação (Mestrado) FAU/UFBA. Salvador, 1995.

SANTOS, A. M. L. **Avaliação hidroquímica das nascentes de Feira de Santana**. 1992. Relatório Final de Pesquisa para Aperfeiçoamento B. CNPq/UEFS. Feira de Santana, 1992.

SANTOS, M. **A urbanização brasileira**. São Paulo: HUCITEC, 1994.

_____. 1992: a redescoberta da natureza. **Estudos Avançados**, São Paulo; EDUSP, v. 6, n. 14, p. 95-106, jan./abr., 1992.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA. **Projeto: nascentes, lagoas e rios de Feira de Santana** – Relatório Final de Pesquisa. Feira de Santana: UEFS, 1998.

VASCONCELOS, P. A.; SILVA, S. B. M. **Novos estudos de geografia urbana brasileira**. Brasília: EUFBA, 1999.